



## APRESENTAÇÃO

### Cultura do Ouvir

Amarrado ao mastro da embarcação e ciente que seus marujos estavam com os ouvidos tampados com cera, Ulisses não se deixou seduzir pelos sons encantadores das sereias. Orfeu, por sua vez, através do canto e da cítara, amansou as criaturas representadas como pássaros ou peixes com cabeça de mulher e seguiu sua viagem.

Esses cenários mitológicos misturam-se com paisagens sonoras mais recentes onde as sirenes das fábricas, também chamadas de sereias em alguns lugares do Brasil, anunciam a hora do início e do fim do período de trabalho. Em ambos os casos, figuras femininas inebriam, encantam, seduzem e podem até matar.

Dentro desse contexto, num mundo marcado quer pela inflação de imagens e sons, como pela dificuldade em se ver e ouvir em profundidade, a presente edição da Ghrebh- reúne um conjunto de textos a respeito da **cultura do ouvir**. Três convidados internacionais abrem o número com reflexões que praticamente descerram as cortinas de um teatro onde vivenciamos a passagem da perspectiva funcionalista para a postura interativa ou orquestral nos estudos da comunicação na contemporaneidade.

O pesquisador alemão Siegfried Zielinski, da Escola Superior de Artes da Mídia de Colônia, conhecido por buscar as raízes, o tempo profundo da mídia, por buscar uma arqueologia que desobstrua o passado e recupere uma real dimensão dos meios, apresenta um exercício de escavação arqueológica. Em *Cidade Caixa de Música, Cidade-Ouvir: a Sinfonia das Buzinas de Avraamov em Baku e Moscou 1923/24. Uma miniatura em arqueologia da mídia*, analisa a sinfonia do músico e compositor russo Donkosak Arsenij Michajlovich Krasnokutskij, que usava o pseudônimo Avraamov (1886-1944). Mostra como ao compor uma grande sinfonia com sons de sirenes, sinos, canhões e corais de trabalhadores entusiastas, Avraamov detectava a passagem do ritmo lento do universo agrário, com sua oralidade, para o ritmo industrial da técnica e do trabalho, com os ruídos estridentes, máquinas velozes e excesso de imagens.

Em *Os sentidos armados. A razão e seus instrumentos na Renascença*, Elisabeth von Samsonow, professora da Universidade das Artes de Viena e uma das poucas especialistas em história e filosofia do Renascimento, investiga como, na medida em que o olho foi armado com um telescópio e a mão, entendida como “mão do olho”, armada com extensões como pincel e lápis, cresceu a ênfase no olho e na visão. Já em *O Ouvido*, Christoph Wulf, professor da Universidade Livre de Berlim, organizador da *Enciclopédia Antropológica - Cosmo, Corpo, Cultura*, o mais conhecido pesquisador da área de





conhecimento denominada antropologia histórica, nos brinda com uma pesquisa filogenética e ontogenética sobre o papel do ouvido na constituição da subjetividade e da sociabilidade. Descreve, assim, o processo histórico que permitiu o gradual predomínio da vista sobre os outros sentidos.

Ao redor dos três trabalhos acima comentados, o leitor encontrará sete artigos, seguidos de breve biografia e das publicações mais recentes, de autores que ajudam a compreender e tecer a cultura do ouvir. *Ciro Marcondes Filho, em Que melodias tocam as ranhuras de um crânio? Friedrich Kittler, o fonógrafo e Rilke*, mostra como alguns inventos que pareceriam libertadores também atrofiaram o exercício da liberdade. *Luiz Artur Ferraretto, em O hábito de escuta: pistas para compreensão das alterações nas formas do ouvir radiofônico*, oferece caminhos para se interpretar o modo como histórica e conceitualmente acontece a relação entre o veículo rádio e seus públicos.

Em *O Ouvir e o sentir: a comunicação do mundo e o mundo da comunicação*, Tarcyane Cajueiro dos Santos examina o ouvir como disposição para sermos tocados pelo mundo, pelos outros e por nós mesmos. *María Cunillera, em Olhares dentados: sobre predadores e presas no reino visual*, investiga o potencial violento e os papéis de agressor e vítima no contexto do canibalismo visual. *Mônica Rebecca Ferrari Nunes, em Reinvenção de paisagens sonoras: a escuta do imigrante*, mostra como a voz poética, a sutileza e as aptidões do sentido auditivo permitem aos imigrantes portugueses, através de programas radiofônicos, a reconstrução dos vínculos afetivos com a terra natal.

*Carmen Lucia José, no texto Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio*, mostra como efeitos e trilhas sonoras constituem a sonoplastia, a linguagem da comunicação midiática em áudio. Fechando este número da Ghrebh-, *Ana Paula Machado Velho, em A voz como vínculo na comunicação radiofônica*, analisa a força da voz no radiojornalismo e a capacidade evocativa da palavra no universo das mídias sonoras.

Agradecemos aos autores que submeteram seus estudos ao Conselho Científico, aos dedicados integrantes deste conselho e a toda equipe de jovens ou veteranos pesquisadores do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia que trabalharam nesta edição.

No silêncio e no ritmo lento do ler, os leitores continuarão a tecer paisagens sonoras, espaços de audição do mundo e escuta do outro, ambientes de vinculação que nos ajudem a, segundo as palavras de Günther Anders, superar o risco de nossas sociedades transformarem-se num grande monólogo coletivo. Obrigado pela carinhosa atenção e boa leitura.





José Eugenio de O. Menezes  
Março de 2007

